

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

10 de Abril de 1914

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1270

Inauguração da Exposição Olisiponense



* A DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEOLOGOS PORTUGUÊSES
RECEBENDO SUA EX.^a O PRESIDENTE DA REPUBLICA Á ENTRADA DO MUSEU

pituitária. E os solavancos do automovel não lhe perturbaram a longa digestão.

Alguns creaturos ingenuos estacaram, hiantes de surpresa, ante o facto. Para disfarçarem o desapontamento proprio, começaram de formular perguntas ociosas e candidas. Por que digressionou de automovel, o eminente démo-crata, tendo, por certo, á sua disposição, mediante espórtula conveniente, comboio rapido e expresso?...

Parece-nos que a republica-portugueza, apesar de toda a sua liberdade, ainda não assumiu a liberdade de coartar a liberdade, a qualquer cidadão, de viajar, a seu bel-prazer, nas carruagens permitidas pelas nossas estradas e leis ominosas.

Ora, quiz s. ex.^a respirar bons ares e substanciosas poeiras? Viajou no automovel do sr. Manuel Alegre, que é deputado, assim como poderia ter viajado no carro do sr. Tristão, que faz, em Lisboa, por lépes, carreira de Estefania a Belem.

E ninguem queira ver desprimôr para

CRONICA OCCIDENTAL

Na opinião de gazetas conspicuas — marcou triunfo consideravel nos anaes da democracia indigena, a viagem realisada, em automovel, ha dias, pelo sr. dr. Afonso Costa, através de montes e vales, ao Porto, burgo tripeiro e invicto. Não queremos investigar das causas fisiologicas psicologicas — ou simplesmente logicas, que levaram sua ex.^a, enfasiado de alface, em demanda da tripa, na capital do norte.

Os motivos serão necessarios, complexos. O estômago e a mentalidade dos politicos, em laboração, têm apetites de mulher grávida que urge respeitar.

Nestas circunstancias, afastemo-nos sempre, para não nos envolvermos inutilmente numa ambiencia suja e morna de nauseas e maus cheiros. Sómente, nos declaramos autorisados a dizer que esta digressão por Terras submissas de Portugal, foi ópima de impressões e resultados praticos.

O sr. dr. Afonso Costa teve ocasião de admirar a paisagem, o sol pôr, e o bello sembrante da nossa gente. S. Ex.^a não sofreu incómodos de laringe. A poeira dos caminhos não conseguiu inflamar-lhe a



SUA EX.^a O PRESIDENTE DA REPUBLICA VISITANDO A SECÇÃO DE CERAMICA
ORGANISADA PELO SR. JOSÉ QUEIROZ

o sr. Alegre ou para o sr. Tristão, se os collocarmos aqui em comparação e relevo. Estamos adentro dos ambitos da democracia. De resto, uma analyse breve, exercida sobre as respectivas qualidades, somente servirá para distanciar, mais e mais, os dois supracitados senhores. Um, chama-se Alegre; o outro, chama-se Tristão. Um, é deputado; o outro, é guiadôr de bestas. A avaliar pelos referidos nomes — um, ri; o outro chora.

Um, é guiado, e o outro, guia dominadoramente. Decida o leitor qual das condições é mais apetecível e elogiosa...

O sr. dr. Afonso Costa, viajou, pois, de automovel. Muito bem. Estava no goso duma licença que a lei e a sua vontade lhes concedem. Quereria, assim, furtar-se ás zumbaias ou vaias dos adversarios impertinentes?

Talvez.

Isto só prova que s. ex.^a não deixou inteiramente sepulta nos arquivos do ministerio das finanças a sua habitual esper-teza politica. Foi esta esper-teza que inutilisou e reduziu á condição de impotentes, os seus varios inimigos. Para inutilisalo e reduzi-lo á insignificancia, falta provar que ao illustre homem de estado assiste sómente e exclusivamente essa pequenina habilidade de politico ou pelotiqueiro...

Na sua ultima visita á cidade invicta, teve o sr. dr. Afonso Augusto da Costa ocasião de visitar o lirico tugurio da «Renascença Portuguesa».

Não seremos nós quem poalhe de ridiculo esta benemerita instituição—antes, reconhecemos que ela, de direito, nos merece ponderosas considerações e acatamento reverencioso. De «Renascença-Portuguêsa» — raros têm ouvido falar e ninguem sabe, ao certo, o que na verdade pretende. Alguem chama-lhe «Club dos Furiosos» dando, é claro, á palavra a lidima acepção camoneana.

Evidentemente, é uma sociedade, por quotas, constituída de socios fundadôres, socios beneficentes e socios contribuintes.

Assim, só a ela nos referiremos, para registro de factos e finalizar serio de cronica que é habitualmente e irresistivelmente ironica.

Esguedelhado subllunar que emprega, com honra e credito, esforços consideraveis para se chamar Jaime Cortesão, preparou ao famoso demo-crata uma recepção solene. E disse-lhe com pausa e fremitos de crina:

«A «Renascença-Portuguêsa» tem o nobre intuito de procurar espalhar e avigorar o amor da sua patria e por isso mesmo ele (oradôr) se vangloria de saudar Afonso Costa, que tem dedicado o seu maior esforço e inteligencia a uma obra identicamente reconstrutiva».

Ficámos, pois, sabendo que Jaime Cortesão se vangloria de saudar Afonso Costa e presume emparelhar com ele no empreendimento da mesma obra que é, sem duvida, a fermentação do humus aravel da nossa Terra.

Ao diante, o facundo oradôr refere-se, para demonstrar-nos, mais uma vez, que cultiva os mesmos logares-comuns, «á frase de Isabel a Catolica aplicada a D. João II, que tambem ao dr. Afonso Costa se podia

dedicar, pois este senhor era...», etc., etc., etc.

Alfim, assevera-lhe que «bem veria na «Renascença-Portuguêsa», se a olhasse carinhosamente, creaturas cheias de rara abnegação que é indispensavel a todas as obras grandes, bem util se tornando para a patriótica agremiação toda a atenção que ele (chefe dos demo-cratas) lhe dispensasse».

O sr. dr. Afonso Costa arripiou os bigodes e num sorriso de promessa disse «conhecer alguma coisa da «Renascença-Portuguêsa» por noticias dispersas nos jornaes, mas que, ao vêr nesse movimento alguns nomes, logo se convenceu de que era esta uma obra util e que necessitava de ser estudada de perto». E imediatamente «mostra estar hoje o terreno excelente para uma proficua sementeira, pois acredita absolutamente em que Portugal saberá erguer-se de novo e nesse sentido afirma que a «Renascença-Portuguêsa» poderá fazer muito multiplicando os seus esforços, e espalhando-os pelo paiz, levando-o mais longe possivel a sua acção».

Assim, o sr. dr. Afonso Costa conheceu, por noticias dispersas nas gazetas, alguns nomes da nova-marca «Renascença-Portuguêsa» que reputou praticamente utilisaveis na sua obra de renovamento e fomento patrios. Prometeu recommendal-os á consideração dos varios agrónomos seus amigos e predilecção das camaras municipais do paiz.

Em breve, da «Renascença-Portuguêsa», parte será empregada na conducção de charrúas, e parte será aproveitada em varios serviços das limpezas publicas.

ANTONIO COBEIRA.



Soror Mariana

(Impressões de uma leitura)

Evangelho de amor escripto a ferro em braza
Nas retalhadas fibras de uma alma agonisante
Desespero infernal de uma paixão constante
Que rasga, que intontece, ulcera, esmaga e abraza.

Sanguinolenta cruz que verga com o martyrio
Que a victima não mata a soluçar no pranto
Que retorçe o coração em ancias sem quebranto,
E na paixão desmaia, e acorda no delirio.

Que lagrimas candentes, que dor cruel insana.
Revoltas n'um vulcão que abraza e não consome!
Se a dor sobre humanas queres dar um nome
Naturalmente occorre — Soror Mariana.

Ponta Delgada — 1894.

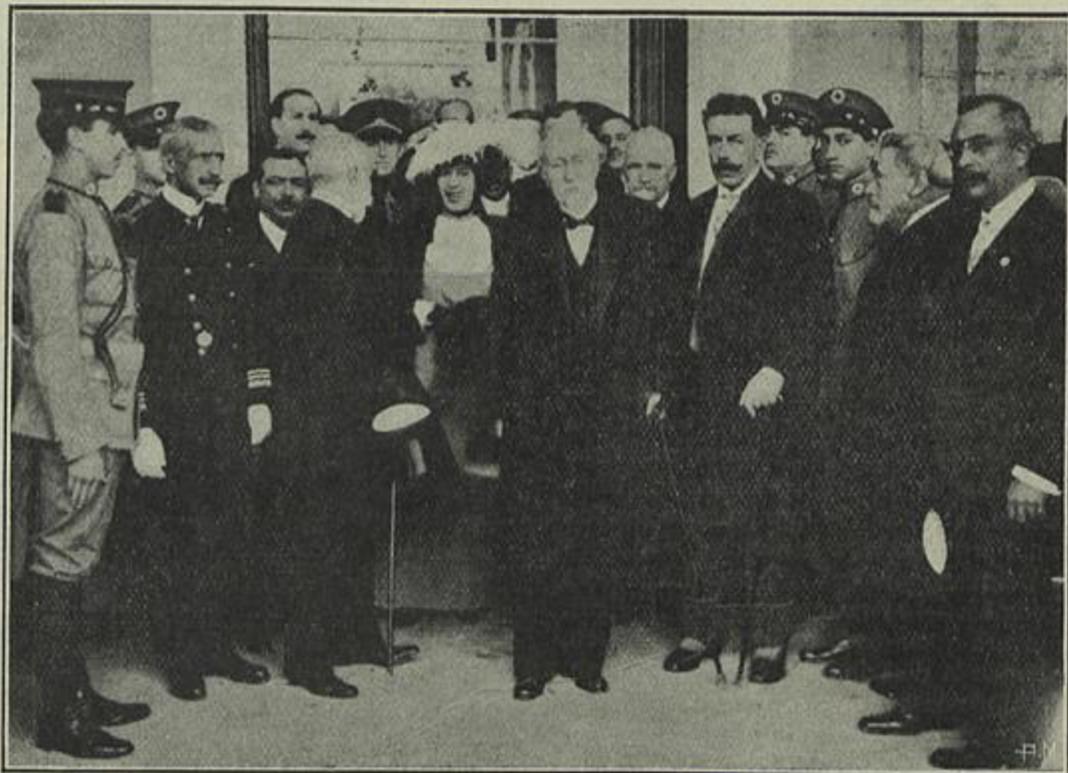
NEMO.



A musica é a essencia da ordem, eleva para tudo que é bom, justo e belo, pois é do bom, do justo e do bello a fórma invisivel, mas deslumbrante, apaixonada, eterna.

Platão.

Inauguração do Posto de Soccorros da Sociedade da Cruz Vermelha



Sr. Ministro da Marinha Sr. Presidente do Governo Sr. Presidente da Republica Sr. Ministro das Colonias
Sr.^a D. Maria do Carmo Lopes, medica do Posto

Dia 29 de Março, pelas 14 horas, com a assistencia do venerando Chefe do Estado, e alguns membros do actual governo, a patriótica Sociedade da Cruz Vermelha inaugurou o seu novo posto de soccorros na Praça do Comercio. Antes da hora, já uma grande multidão se aglomerava em ondas ao largo contida pela policia. A' chegada do sr Presidente da Republica, os cornetins soam em marcha de continencia. Trocam-se discursos e cumprimentos calorosos. São oferecidos á sr.^a D. Maria do Carmo Lopes, medica do posto, e ao sr. Dr. Manuel de Arriaga lindas e preciosas corbêlhas de flôres. Tivemos ocasião de visitar todas as dependencias do novo posto de soccorros e a nossa impressão foi de surpresa e gratidão comovida por esse grupo de homens benemeritos que por uma energica força de vontade conseguiram fundal-o.



O descimento da cruz

Da Coleção Moreira Freire

Adoração



PREGUIDO em fluida espuma, surge à minha frente
O vulto esguio e baço do ideal que eu fito!
E' ela! Toda nua, em espiral, no infinito...
Em côr, sem luz de sonho, a caminhar ridente!

E vêjo-a, e segue altiva, o manto de desdem
A soltar-se do corpo abandonadamente!...
Quero passar-lhe à frente e vejo-a à minha frente
Erguida sobre mim, mais alta que o Alem!

Surjo-me um deus! Tremulo... oscilo de a alcançar...
Sou Cristo sem ter cruz... Sou crença sem altar...
E sem ter cruz sou Deus, na Fé crucificado...

Triste de mim, sem vêr, a vê-la pelo espaço...
Vou de encontro ao meu ser, eu proprio me ultrapasso
E resvalo por mim, sentindo-me esmagado!

Março de 1914

Carvalho Mourão

PELO MUNDO FÓRA

O mês de Março foi fértil em acontecimentos sensacionais. Em França deu-se o attentado *Calmette*, cuja liquidação política está sendo feita pelas camaras e cujo processo judicial corre os seus tramites.

Em *Espanha* realizaram-se as eleições de deputados, com grande victoria para o governo do sr. *Dato*. Os republicanos perderam metade dos seus representantes. Foi o resultado da evolução dos reformistas para a monarchia. Em Madrid, os republicanos, que ha quatro annos tiveram 30:000 votos, contaram agora apenas 18:000, tendo havido muitas abstenções. *Lerroux*, chefe dos radicaes de Barcelona, foi derrotado, cabendo a victoria aos autonomistas, facto de grande importancia para a *questão separatista da Catalunha*.

A lucta eleitoral foi violenta em toda a *Espanha*, havendo mortos e feridos.

Na *Italia* sossobrou o ministerio *Giolitti*, apesar de ter a maioria da camara. Este gabinete durou tres annos. Dilatou em notaveis proporções o imperio colonial e o poder mediterraneo da nação. A *conquista da Lybia* representa um grande triumpho da politica italiana, embora essa victoria lhe tenha custado muitos milhões, e não esteja ainda assegurada a paz no interior. Pergunta-se se os interesses correspondem aos sacrificios.

No *Brazil*, a politica tem andado muito embrulhada. O *Estado do Ceará* de ha muito que está revolucionado. As finanças em geral estão perturbadas. A situação reflectiu-se no *Rio de Janeiro*, onde se deu um movimento militar, immediatamente suffocado, mas tendo como consequencia o decretar-se o *estado de sitio*, que abrangerá o mês corrente.

O *marchal Hermes da Fonseca* terá por successor o sr. *Wenceslau Braz*, eleito presidente para o periodo administrativo de 15-11-914 a 15-11-918. Para a vice-presidencia foi eleito o senador *Urbano Santos*.

Essa eleição considerava se certa desde o dia em que os elementos divididos do partido republicano *conservador* se puzeram de accordo ácerca das candidaturas de conciliação. A longa agitação que lavrou nos diferentes Estados por causa d'essa eleição, cessou desde o momento em que o *leader* do partido liberal, o senador *Ruy Barbosa*, desistiu da candidatura.

Na *China* o presidente *Yuan-Chi-Kai* segue com tenacidade e firmeza a pratica do poder pessoal. Depois da dissolução do partido *kuomingtang*, veiu a suppressão das assembleias provinciaes, culpadas de terem ultrapassado as suas attribuições, violado as leis e tolerado abusos. Assim se desmorona o que restava da organização constitucional que os elementos avançados haviam obtido da dynastia moribunda, numa lucta de vinte annos.

O poder dictatorial de *Chi-Kai* afirma-se continuamente sem o menor protesto nem resistencia da nação. O maior obstaculo é a questão financeira. Tudo está para fazer naquella immenso paiz. A riqueza prodigiosa do seu solo é motivo de esperanças de proximo triumpho.

A imprensa allemã secundada pela austriaca lavantou violenta campanha tendente a demonstrar que os armamentos da *Russia* são dirigidos contra a Allema-

nha e contra a *Austria-Hungria*. O facto teve echo nas bolsas de Berlim e de *S. Petersburgo*, e chegou-se até a fixar o utoño de 1917 como o momento do imprescindivel ataque russo contra o imperio do *Kaiser*. É escusado accrescentar que este levantamento da imprensa despertou o interesse da França. Ha quem pretende ver nisto apenas um pretexto da *Allemanha* e da *Australia* para prepararem o espirito publico para novas despesas de armamentos.

Não se pensa noutra cousa em toda a parte. O choque tem de dar-se. Quando? Ninguem o pode dizer. Creio mesmo que a pythoniza parisiense — *Madame de Thebes*, — ainda não aventou essa terrivel prophacia.

Na *Inglaterra* a questão do *Home-rule* attingiu um aspecto muito grave cujo desfecho dá que pensar ao governo do sr. *Asquith*.

Já aqui dissemos que os orangistas da Irlanda, que occupam a região do *Ulster*, se oppõem ao *home-rule* ou seja á autonomia politica da Irlanda e restabelecimento do Parlamento, que ella teve até 1802.

A imminencia provavel do voto que pela terceira vez vae ser concedido pela Camara dos communs a favor da autonomia irlandeza constitue o acontecimento mais notavel da historia politica em *Inglaterra*. O governo preoccupou-se com o armamento dos voluntarios orangistas em numero de 120.000, bem adextrados e municados, sob a direcção de officiaes aguerridos e disciplinadores. As tropas da guarnição do sul da Irlanda vão por ordem do governo reforçar os effectivos do *Ulster*. A policia é tambem reforçada. A costa septentrional da ilha é vigiada por navios de guerra promptos para qualquer demonstração. O envio de tropas provoca a demissão d'um general e de muitos officiaes que, sendo protestantes do *Ulster*, receiavam ter que bater-se com os voluntarios seus irmãos.

Essas demissões foram retiradas desde que aos signatarios se deu a certeza de que o seu papel se reduziria ao serviço de policia.

Sir Edward Carson, o presidente do conselho unionista de resistencia, voltou precipitadamente á Irlanda. A' sua chegada a *Belfast* foram-lhe prestadas as honras por duas companhias de voluntarios que o acompanhavam a *Craigavon*, residencia do cap. *Craig*, que é o quartel general d'aquelle terrivel adversario do *home-rule*. Durante o dia e a noite as sentinellas conservam-se vigilantes. Na alfandega, os guardas miram os passageiros e interrogam-nos inquisitorialmente, sobre se trazem armas ou munições.

O ministro da guerra *Seely* teve que demittir-se por conflictos com os seus collegas e para impedir a demissão do commandante chefe do exercito da Irlanda, *Sir Arthur Paget*, do general *Gough*, e outros officiaes.

A situação está pois embaraçosa. O governo levou a cabo importantes reformas com o apoio dos irlandezes, que, em compensação contaram com a solução do problema do *Home-rule*, a aspiração do grande *Gladstone*.

Surge porem a questão religiosa, por parte dos protestantes do *Ulster*, que abstinadamente se oppõem ao dominio catholico. A questão religiosa é, no fundo, uma

consequencia ethnica, pois, como se sabe, na Irlanda, ha raças diferentes: — celtas e anglo-saxões. Segundo uma estatistica do *Journal*, a Irlanda conta 4.381,951 habitantes, sendo 73,90 % catholicos, e 26,10 % protestantes. Dos 101 deputados irlandezes, 85 são home-rulistas e 16 são orangistas. Os esforços do governo tendem a evitar o choque entre as duas forças. Aguardemos os acontecimentos.

A França perdeu uma das suas mais fulgentes glorias — o grande poeta provençal *Frederico Mistral*, fallecido com 83 annos na sua casa de *Maillane*. Aos 20 annos emprehendeu a gloriosa tarefa de fazer rejuvenescer a formosa *lingua d'oc*, a fim de readquirir o logar perdido. Para esse fim aggregou-se a mais seis estudiosos fieis á sua raça, lançando as bases do *Felibrige*, na villa de *Fontségugne*. A gloria de *Mistral* ultrapassou a sua provincia e a França: é hoje universal. *Mireille* (já traduzido na nossa lingua), é uma obra admiravel de poeta em que palpita a alma da *Provence*; é uma das creações poeticas mais bellas que se conhecem e que fez com que *Lamartine*, em 1859, chamasse ao seu auctor o *Vergilio francês*. *Mistral* offerecera-lhe o livro «comme um raisin de Crau». Seguiram-se-lhe outras obras primas: *Iles d'or*, onde revive a *Provence* maritima, *Calendól*, *Nerto*, *Reino Jeanne*, *Poème du Rhône* e *Olivades*.

Citam-se ainda o livro *Memorias* e muitas chronicas que, sob diversos pseudonymos, elle, durante mais de 50 annos, consagrou á *Armana Provençau*.

A par da sua obra puramente lyrica, *Mistral* construiu um monumento de condição verdadeiramente extraordinario: — o *Trésor du Félibrige*, dictionario da lingua provençal. trabalho paciente de beneditino, que só por si lhe conquistaria imperecivel gloria. Colleccionou e estudou tudo quanto respeitava aos usos e costumes locaes, no nobilissimo intento de despertar nos *Provençoes* o amor pelas cousas do passado.

Com esse objectivo fundou o *Muséon Arlaten*, á sua custa e, graças ao premio de 10:000 francos concedido pelo Instituto e ao premio *Nabel*, instituido para recompensar a obra mais notavel com tendencias idealistas, e que em 1904 foi dividido entre *Mistral*, o espanhol *José Echegaray* e o polaco *H. Sikiéwices*.

Mistral occupou toda a existencia no culto dos antepassados, na affeição ao solo natal, na fidelidade ás tradições; a sua palavra convincente e prophetica animava incessantemente o povo da *Provence* no sentido do respeito e do culto pelos monumentos, o amor pelos trajes regionaes, a conservação da lingua — *car, qui tient sa langue, tient la chef qui des chaînes nous délivre*. Moços e moças, entusiastas da sua obra, depositarios do seu pensamento, seguiam-no para toda a parte. Nos banquetes *felibriens* era elle o primeiro que bebia pela *Santa Taça*, que circulava de mão em mão. A sua voz tremula entoava a *Chanson de la coupe*, com inflexões comoventes.

Os agapes de *felibres*, essas *Festo Virginéneo* que *Mistral* inaugurou, e em que as moças envergavam solemnemente os trajes tradicionaes, eram uma verdadeira

Exposição Olisiponense

A antiga Olisipo dos romanos, a Lischbuna dos mouros, a linda Lisboa dos portuguezes tem a sua longinqua evolução bem patente aos olhos dos estudiosos ou dos curiosos, que queiram avaliar do seu desenvolvimento secular, observando a notavel exposição que acaba de ser aberta ao publico no edificio historico do Carmo desta formosa e antiga cidade de Portugal.

A exposição, que se inaugurou em 24 do mez findo, tem por fim comemorar, por uma forma educativa, o 50.º anniversario da fundação da Associação dos Archeologos Portuguezes, devida ao benemérito Joaquim Possidonio da Silva, seu primeiro presidente; a data desse anniversario passou em 23 de Novembro, celebrando-se em tal dia uma sessão solene, como ficou registado no OCCIDENTE, n.º 1257; n'essa ocasião tambem deveria ter sido inaugurada a actual exposição Olisiponense, o que se teria realisado, se difficuldades supervenientes não a tivessem retardado para agora.

Foi a secção de Archeologia lisbonense, de que é presidente de honra o illustre sr. Visconde de Castilho, quem tomou a seu cargo a organização do actual certamen, no qual o seu presidente, sr. José Queiroz, e o secretario, sr. Matos Sequeira, tiveram o maior trabalho, auxiliando-os tambem, em parte, outros vogaes da secção, como

A maior sala, a antiga capela mór, foi destinada á exposição de cerâmica de fabrico lisbonense; quarenta e um expositores apresentaram variadissimas peças de loiça, cuja magnifica disposição faz honra ao seu organisador o sr. José Queiroz; em tres vitrines centraes e outras lateraes, admiram-se, variados pratos, terrinas, gómis, lavabos, animaes, bustos, estatuetas, uns em branco, outros ornamentados, em relêvo ou a côres, tudo de belo efeito, e que bem patenteia quão notavel desenvolvimento a factura da loiça aqui atingiu, principalmente no seculo XVIII, como o comprovam as peças produzidas na Fabrica do Rato, que nesta sala tem o logar de honra.

Ao fundo, e sempre magnificamente expostas, admiram-se um grande aquario, e varias loiças policromicas de Cifka, de muito efeito decorativo; entre varios azulejos expostos, figuram nas paredes, grandes retábulos religiosos, provenientes do convento de Chelas, além de outros quadros menores com azulejos arabes, feitos em Portugal e que são pretença da Associação.

Toda esta magnifica instalação como que é presidida pelo busto de bronze do erudito Souza Viterbo, que tanto contribuiu para o conhecimento das artes decorativas nacionaes.

A terceira sala, na qual avulta, ao fundo, a reprodução em madeira, do tumulo de D. Nuno Alvares Pereira e uma estatua, igualmente em madeira, do egrégio condestavel, tem numerosas reproduções parciais de aspectos de Lisboa, já na

celebração liturgica, com os seus arrebatamentos de fé e de mysticismo. O poeta transfigurava-se e parecia executar um rito em louvor da terra mãe e dos mortos. Mistral synthetisou bem o culto da França pelo passado. A sua figura ergueu-se radiante e empolgante de suavidade e de santidade. A sua obra é gigantesca e immortal.

Portugal, que tantas afinidades ethicas e philologicas tem com a Provence, a partir d'esses *troubadours* que conviveram com D. Diniz e que illustraram os nossos cancioneiros; Portugal que contribuiu para a inauguração da estatua do poeta Mistral em Arles, a 30 de Maio de 1909, com assistencia do consul portuguez; Portugal em cujo seio vibra o mesmo desejo ardente do culto do passado, como condição para mais facilmente attingir a perfectibilidade social, Portugal associa-se á dôr que a França sente pela perda do seu inconfundivel poeta e intemerato defensor dos seus costumes, da sua lingua e das suas tradições.

Como remate diremos que Mistral dedicava intima amizade ao seu cão, que sentiu tanto a morte do dono que nunca mais comeu, e, poucos dias depois, morreu tambem. Este caso não é novo, mas presta-se a divagações de alto interesse psychologico.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Sarau literario e musical na Escola Gagliardi

Dia 30 de março, realisou-se com brilhantismo, um sarau literario e musical no picadeiro do distincto professor João Gagliardi. Excelentemente concorrido, excelentemente colaborado, este sarau tornou-se notavel pela assistencia distinctissima e numerosissima que era constituída da parte mais selecta da nossa melhor sociedade, e pelos apreciaveis artistas que colaboraram e envidaram todos os esforços na sua realisação.

Do conjunto resultava um efeito surpreendente. Pavimento forrado de lona. Numero enorme de cadeiras, dispostas com arte e bom-gosto. Ao fundo, o estrado ladeado de macissos de palmeiras e outras plantas decorativas. Ao alto, o retrato de Gagliardi colocado entre os retratos do falecido Marquez de Castello Melhor e actual Conde de Fontalva.

Todos os colaboradores desta festa foram dignos dos fartos aplausos que o publico lhe dispensou.

O sr. Ascenso Siqueira (S. Martinho) cantou com primór e agrado varias romanzas, trechos musicaes em que podemos destacar, *Il Libro Sancto* e *La Regina della Terra* de Pinsuti e *Nel Campo Sancto* de Deusa.

A «abertura do Titus» foi executada excelentemente pelos srs. José Candido Ferreira, Cecil Mackec, Ernesto de Mello e Castro, Antonio Lamas e D. Luiz da Cunha e Menezes.

A prestigiosa actriz Lucinda Simões recitou com maestria a «Ave-Maria» de Christóvam Aires e, a pedido de momento, um monologo irrisível de hilariedade. Recebeu uma calorosa e merecida ovação. A illustre poetisa, D. Branca de Gonta Colaço, disse muito bem a «Saia-encarnada» de João de Lemos. D. Mariana de Castro Pimentel arrebatou num solo de violino a assistencia entusiasmada. Demonstraram se artistas de valór, D. Amelia Costa, João Queriol e D. Luis Evaristo, e ainda a sr.ª D. Mariana Souto Pimentel acompanhada pelo sr. De Vecchi. O sr. Antonio Peixoto cantou uma romanza da «Aida» e canções portuguezas. Por ultimo, referir-nos-hecamos á bela «Canção do Ribeirinho» letra de Augusto Santa-Ritta e musica inspirada de D. Luis Quesada.

Extra-programa, o sr. Ascenso Siqueira cantou com successo, á guitarra, lindos fados. E assim, entre flôres e palmas, terminou esta encantadôra festa.



MEDALHA CONFERIDA Á COMPANHIA DE FIAÇÕES E TECIDOS DE SEDAS. NO ENXERGO: No tempo da Feliz Regencia MDCCCII. Pamfília dobando seda. No reverso: Em Premio de Merecimento. Armas de Portugal. A. R. (doirada). Pertence ao sr. Manuel Emigdio da Silva.

os srs. Dr. Virgilio Correia, Justino Ganhado, Luiz Bettencourt e Ribeiro Christino.

A exposição Olisiponense, que foi inaugurada com a presença do venerando Presidente da Republica, Dr. Manuel de Arriaga, patenteia-se em quatro salas, as quaes são, como é sabido, a capela mór e as colateraes da absida da igreja do antigo mosteiro do Carmo, ás quaes o terremoto de 1755 poupou as paredes e alguns arcos.

Pelo bem elaborado catalogo da exposição, vê-se que esta abrange as seguintes secções: Ceramica — Plantas e planos — Vistas e aspectos da cidade — Bibliografia — Vária ethnologia; assim, vamos, em rapida noticia, dar aqui uma ligeira idéa do muito que ali ha que admirar e estudar.

Começando pela esquerda, vê-se que n'esta sala, que é a da bibliotheca da Associação, está disposta a secção de bibliografia, na qual dos muitos livros expostos, só os frontespicios e estampas interessantes estão visiveis; são diversissimos e todos referentes a Lisboa, os roteiros, as folhinhas, os calendarios, os guias, os registos de santos, as monografias de edificios, de costumes lisboetas; alguns inéditos se vêem em manuscritos, como o *Depois do Terremoto*, de Mattos Sequeira; o do Hospital de S. José, com a admisação de Bocage (sem occupação!), bem como outros mais antigos de ha trez e quatro seculos; a nossa *Estetica citadina*, recortada do *Diario de Noticias*, figura como livro unico; aqui, tambem, um belo e grande tinteiro de metal, avulta ao centro da mesa das sessões.

Como arte, além de variadas estampas a negro e coloridas, figuram tres sguarelas: *Aspectos de Alfama*, de Gameiro; *O paço da Ribeira derruido*, em aguada; *O pavimento do Rocio*, projecto do brigadeiro Furtado; no alto das estantes estão dispostos retratos a oleo dos fundadores do Museu e, em logar de honra, o de Possidonio da Silva; em esculptura, D. Fernando II, como que preside, em busto, sobre um alto plinto.

maioria modificados; um grupo de plantas da cidade primorosamente desenhadas; projecto de modificação da igreja dos Jeronimos e, n'uma vitrine central, diversos livros com estampas e bilhetes postaes do sr. Barcia, de aspectos e usos arcaicos de Lisboa; de igual modo, n'uma estante giratoria, figuram costumes populares do principio do seculo XIX. Como arte, salientam-se desenhos e um esboceto a oleo *Demolição da igreja de Santa Marinha* de Christino da Silva (meu pae), de Manuel Bordalo Pinheiro, com trechos de edificios lisboetas, e uma notavel coleção de acabadissimos desenhos de *capiteis romancos* de demolidas igrejas alfacinhas, devida ao desenhador Valentim; duas antigas aguarelas, *Santa Luzia* e *Teatro da Rua dos Condes* (demolido), são de nossa mão (1).

A ultima sala, pelo lado da importancia historica da cidade, é o clou da exposição, pois nas suas paredes pode seguir-se o desenvolvimento de Lisboa, observando-se as diferentes vistas perspeticas da capital portugueza, desde a mais arcaica (a de Munster da primeira metade do seculo XVI), até á de Monteiro, de 1857; assim, de proveniencia portugueza, hespanhola, francêza, inglêza, holandêza e aleman, vê-se ali a evolução que o perimetro e os monumentos de Lisboa tiveram desde o seu inicio romano, que a *Lisboa Antiga*, do sr. Visconde de Castilho, lhe assignala, n'uma curiosa planta.

Notaveis aspectos da cidade estão em belos quadros, o *Incendio da Patriarcal*, pintura do nosso pintor setecentista Manuel da Rocha; vistas a agua-tinta do *Hospital de Todos os Santos*, no Rocio, e do *Paço da Ribeira*, no Terreiro do Paço; o *Chafariz de Dentro*, de pintor desconhecido; a pintura do *Desembarque de Wellington*, no Terreiro do Paço; a *Praça do Campo de Santa*

(1) Publicado no OCCIDENTE, n.º 127 de 1 de julho de 1882.



GRUPO DE PRESÉPIO. De barro cosido, colorido, representando cinco cavaleiros beduinos, etc. Escola dos barristas portugueses.

Pertence ao sr. Visconde de Castilho.

Anna; um belo desenho da Praia de Santos etc., etc., etc.

São curiosíssimas as vistas com aspectos do terremoto de 1755, feitas na Holanda, assim como duas grandes plantas das margens do Tejo; uma coleção de medalhas de varios metais ácerca de Lisboa e da inauguração da estatua equestre, vê-se disposta sabiamente pelo colecionador sr. Braga.

Ao centro desta notavel sala, n'uma vitrine, admiram-se os mais variados objectos n'um estendal, que nós organisámos; é um tutti-li-mundi; agrupam-se ali folhinhas de vistosas encadernações, do principio do seculo XIX; figuras de barro colorido de presépio (escola Machado de Castro); baralhos de cartas pintadas á mão com costumes antigos e modernos; recortes em papel feitos á tezoura, de rara dificuldade; cautelas, bilhetes de loteria, do americano, do Salitre, do Passeio Publico, do Campo de Santa Ana, etc.

Uma redução da estatua equestre, em barro; outra n'um prato de porcelana da baixela do banquete municipal, quando da inauguração daquele mo-



POTE DE FAIANÇA. Forma de balão, boca de borda voltada. Decoração a azul e côr de vinho. Esmalte branco melado. Fabrico de Lisboa (?) Principios do seculo XVIII.

Pertence á Academia das Sciencias de Lisboa.



ESTATUA DE FAIANÇA. Representando Hercules de Farnese. Esmalte branco lateo. Fabrica do Rato. 1771 a 1775?

Pertence ao sr. José Queiroz.



TERRINA DE FAIANÇA, forma elitica, decoração contramoldada, relevada e policroma, representando paisagens com figuras, flôres e ornatos com esmalte brilhante, branco lateo, etc. Fabrica do Rato ou da Bica do Sapato. Cêrca de 1780.

Pertence ao sr. Luis Keil

numento, e um leque tambem tem a mesma estatua; joias, um relógio de ouro de algibeira com vista de Lisboa; programas de velhos teatros, registos, bonecos de movimento com tipos lisboetas do principio do seculo passado; conhecimentos de Alfandega com vistas da cidade á margem; um açoite de ferro da Inquisição; o anuncio da travessia do Tejo... pelo homem das botas; *Jenpasse...*

Tal nos aparece, n'um rapido esboço, a exposição da cidade, que pena, é que, á semelhança do museu Carnavalet, da cidade de Paris, não possa ficar permanentemente e como inicio do Museu da cidade de Lisboa; a imprensa e o publico reconheceram desde logo a sua grande importancia, fazendo-lhe a primeira largas referencias e o segundo concorrendo numeroso e com enorme interesse, como prova a asseveração, que nos fez um visitante, dizendo-nos: «Eu vim aqui para me demorar uma hora e já cá estou ha tres e ainda tenho que voltar para ver isto melhor».

RIBEIRO CHRISTINO.



A PROCISSÃO DO SENHOR DOS PASSOS DA GRAÇA, Estampa colorida, apensa á obra intitulada *Sketches of Portuguese, Costume, and Character*, impressa em Londres, em 1826.



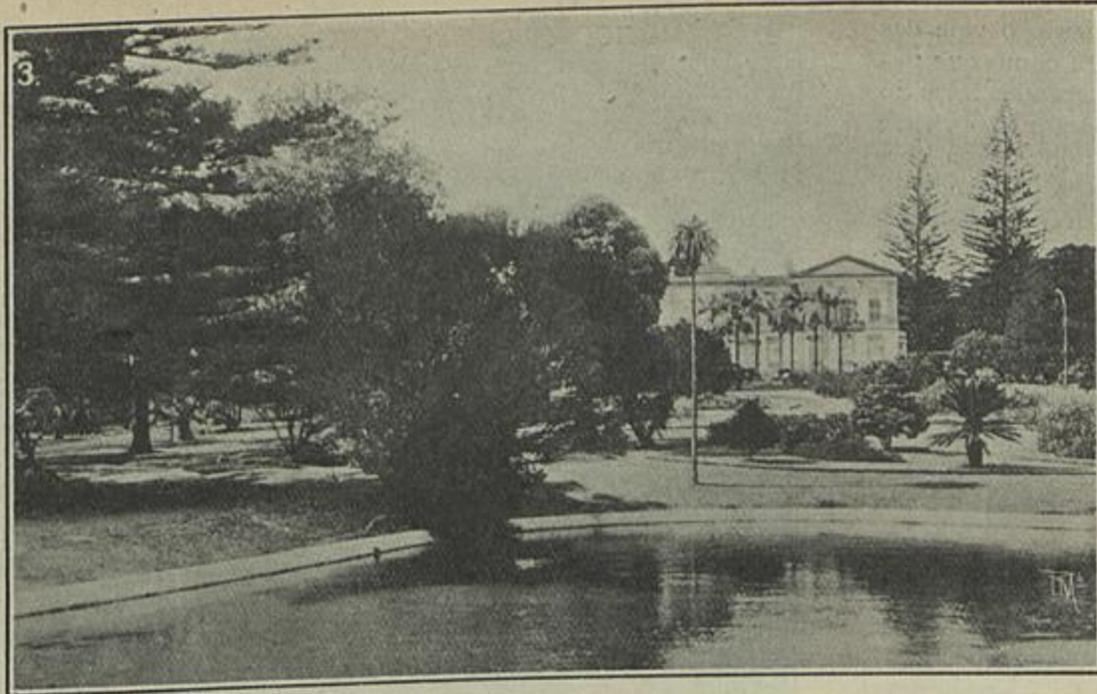
MULHER LISBOETA COM SEU CARACTERISTICO JOSÉSINHO

Muito se tem escrito ácerca dêsse formoso arquipélago, e, no entanto, bem pouco se tem dito, porque o homem, na ânsia de dizer o que a alma sente, nunca poderá descrever os encantos dêsses lindos jardins que o Atlântico abraça docemente...

Situadas entre a Europa e a América do Norte, as ilhas dos Açores sam, para assim dizer, o primeiro ponto de descanso que o viajante encontra a meio da viagem, onde pára extasiado na contemplação de uma natureza exuberante e adorável.

O norte-americano que, de passagem para a Europa, visita frequentemente os Açores, prossegue deslumbrado com o que ali encontra; e, mais tarde, depois de haver percorrido tudo o que ha de mais bello por êsse mundo fóra, volta ainda áquele arquipélago para dizer que os seus jardins sam melhores que os da famosa Italia, e que os seus panoramas excedem por vezes a Suissa.

Das nove ilhas dos Açores, a maior, a mais rica e a mais formosa é a de San Miguel. A sua capital foi primitivamente Vila Franca do Campo; mas, depois, em virtude de um terramoto que a arrasou, a capital estabeleceu-se em Ponta Delgada, que é hoje uma das primeiras cidades por-



JARDIM DO SR. MARQUÊS DE JACOMO CORREIA, EM PONTA DELGADA

tuguezas. Por várias vezes se tem pensado ali na instalação dum caminho de ferro, mas infelizmente ainda não foi possível a realização de tal projecto. Ponham-no em prática e verão as grandes vantagens que dêle resultará.

Uma das principais fontes de riqueza da ilha de San Miguel é a cultura do ananás que se exporta em grande quantidade para os mercados de Londres e Hamburgo, em vapôres inglêses que chêgam semanalmente a Ponta Delgada, exclusivamente para aquêle fim. Em tempos, a exportação da laranja constituiu tambem uma invejavel fonte de receita.

Ponta Delgada é uma cidade muito interessante e está sempre a pár do movi-

pela Arte do que o doce acolhimento com que nêssas paragens foi recebida Italia Vitaliani?

A célebre trágica visitou os Açores o ultimo verão, e, não obstante a época em que éssa visita se realisou, Vitaliani viu todas as noites os teatros repletos de gente que em piedosa romaria a foi cobrir de flores. E aqui em Lisboa, onde todos ouvem apregoar a prodigiosa fama dêssea rara Artista, bem poucos, relativamente, a teem ido vêr representar!

Mas, vejo que começava a divagar, e melhor será que volte a falar dêsses admiraveis rochedos dispersos pelo Atlântico, que mais não sam do que reminiscências das mais terríveis manifestações

mento intelectual da Europa com quem mantêm constantes relações.

Além de numerosos colégios, possui um liceu central cuja frequencia vem aumentando consideravelmente nos ultimos anos, revelando assim o grande amor que o povo açoriano tem pela instrução.

A Arte tambem encontrou ali os mais ardentes e fieis cultores; e, não citando nomes, que os ha tantos, direi apenas que êles se teem evidenciado em todos os campos.

Que próva mais sincéra dêssea paixão



JARDINS DO SR. ANTONIO BORGES, EM PONTA DELGADA

(Clichés do Salão High-Life do sr. M. J. de Mattos)

vulcânicas. As Sete-Cidades e o vale das Furnas, êste sobretudo, sam como que pequenas recordaçõs d'essas grandes lutas do fogo. Quem fôr aos Açõres e não visitar aquélas duas povoaçõs, pôde ter a certeza de que não viu o que ha de mais bello naquêlle arquipélago. Um francês que recentemente realisou duas viagens aos Açõres, afirmou-me que só na ultima viagem tivéra occasião de vêr bem o que eram essas lindas ilhas. Inquirindo a razão, respondeu-me:

E' que só agora pude visitar as Furnas e as Sete-Cidades. E acrescentou:

«Je n'ai jamais rien vu d'aussi merveilleux.»

(Continúa.)

ESPÍNOLA DE MENDONÇA.



Sua Magestade a Primavera

Oh! Gloire à toi, Père des choses!

LAMARTINE.

Estão abertos de par em par os salões doirados do *Palacio da Ilusão*. Que a Primavera, a sempre divina, chegou, ha uma semana já, a esta boa terra sua amada.

Vem graciosa Sua Magestade! Graciosa como Psyche, levada pela mão de Mercúrio aos sólios olímpicos do Pai Jove. Como a Victória de Samotrácia, hino de gloria dentro de um corpo de mármore, tem a delicadeza de uma alma ritmica, que as préguas da túnica de vestal transformam em perene canto lídio.

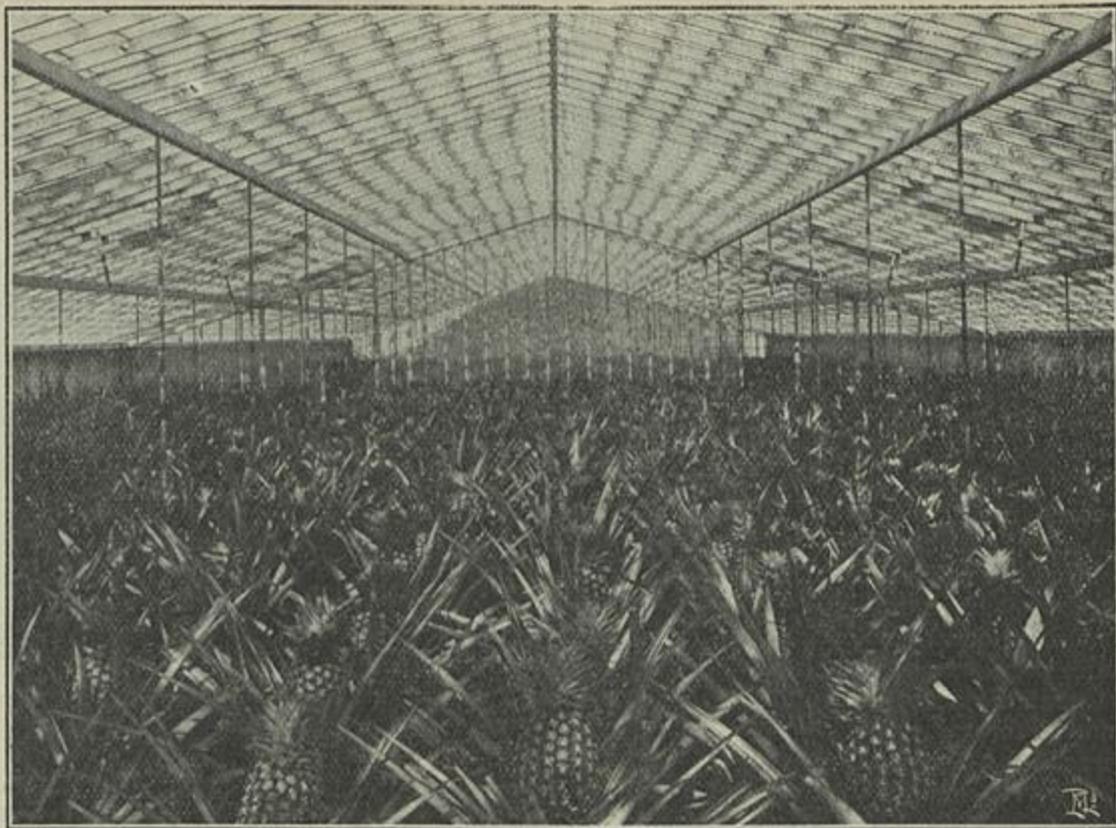
Salvé! Bem vinda seja!

Trouxe consigo a comitiva juvenil das mil e uma *Damas de Honor*. São da esbelteza do junquiho florido, e espargem, ao redor de si, ondas de aromas vadios, penetrantes. Volteiam em dansa antiga, véus em rodopio, braços no cimo, braços em baixo; lembram a *Dansa sagrada* de Victor Sésoffin, estátua bela, que um esculptor atlântico tivesse reproduzido mil e uma vezes. E' uma vertigem!

Vieram as *Virgens Encantadas* que, de tiorba e alaúde sonoros, vão embalar em sonhos, com suaves melodias litúrgicas, todas estas manhãs de sol tépido, todos estes crepúsculos vespertinos de luzes da catedral, e de côres macias dos vitrais. Deambulam, com a leveza da penugem, pelas campinas, nos bosques sussurantes, nos alcantãs.

Bem vindas sejam! Salve-as Deus!

E, a rirem ruidosamente, saltam núvens de amorzinhos. Têm asas de libélulas. São gordinhos como pequeninos novêlos de carne. Riem. E lembram hastes de cristal, que se portam e cáiam com o estrépito nervoso e harmónico das escalas de Chopin. Correm para aqui, para acolá, com a celeridade leve da brisa; vôam e revôam, irmãos d'aquel'outros dois anjitos, mais tristes e serenamente deliciosos, da *Madonna di San Sisto*, de Rafael. Por toda a parte, nos canteiros e alegretes, eles poizam folhas e pétalas frescas. A' beira das estradas, á margem dos regatos, nos jardins, nas alamedas, estendem, ao longo das varetas do esqueleto hirto das árvores, miríades de folhinhas tenras, que, com as



CULTURA DO ANANAZ, NA ILHA DE S. MIGUEL

(Cliché do Salão Hig-Lif do sr. M. J. Matos)

suas mãos de fada a Primavera bordou a matiz. E as árvores, a lembrarem girândolas que não subiram além do vértice ainda formado, cobrem-se de escamas esmeraldinas, transparentes.

Bem vindos sejam eles!

Religioso, como os cédros do Líbano, eu murmuro com Lamartine e com os vestustos cáules:

Oh! Gloire à toi, Père des choses!

Nos eirados do *Palacio da Ilusão*, nos jardins e viridários da primaveril estância de luz, as rosas brancas descrevem constelações. Jactos de água sobem das taças de ónix e ágata, e formam no ar plumas régias, elegantes como um raio de sol coado entre folhas.

Em trípodes e turíbulo arde o insenso e o âmbar do Oriente arábico. Envolve as coisas um perfume sácro. Evolam-se das chamas invisíveis colunas, caprichosas, de fumo azulino.

Das janelas, abertas a todo o hálito da atmosphéra rutilante, — dos balcões rendilhados de finas balaustradas clássicas, — escapam-se pelo mundo além os dramas misteriosos, confusos, do Palacio de Sua Magestade a Primavera.

O homem aspira a vida nova. Renasce. Ressurge, dentro de si, o que ha de belo, e sentidamente bom.

As donzelas da Primavera limpam e lustraram a Natureza inteira. O mundo é outro. Nunca foi melhor. Nunca foi mais lindo. Voltou a Rainha, e com ela voltou a alegria. Ha sinfonias no arvoredado velho.

Pelas sombras doiradas, em jardins e alamedas, surgem, com rodopios de nuvenzinhas presas, as ninfas, os génios, as virgens. A Rainha passa, no seu passeio prociSSIONAL de todos os dias, e essa população luminosa, vaga, das sombras húmidas e aromáticas, canta em côro melodias de Schumann ou de Tschaiowsky.

A cada volta, sobre a relva, entre flô-

res, dansam virgens núas, semi-envoltas em gazes brancas, vestidas outras de uma chuva de corolas; e repetem, com a côr e a verdade, o quadro de *A Primavera* de Botticelli.

E a Rainha, *Sua Magestade a Primavera*, vai cantando, cristalinamente, no gorgueio de cotovia jovial, *La Chanson du Printemps* de Mendelssohn, — a voz da alma serena, feita sôpro musical.

O campo é infinito. O Infinito é cheio de luz. Tudo convida á alegria. A Primavera ri, e canta. O homem canta e ri.

As andorinhas vieram com a sua Rainha, para trazer-lhe a orquestra de violinos que anuncia a hora de acender, nos salões doirados, os lustres de ouro e diamantes. Esta, mui negrinha, chegou de Atênas, onde invernou em cornija do Parténon; aquela, de cabecita inquieta, veiu dos tectos do Smirna; outra, de belo peitinho branco de neve, esteve nas arquitraves de Balbeck; uma quarta passou os frios, aconchegada nos capiteis dos pilares negros do palacio dos Cavaleiros de Rodas; aqueloutra, de cauda poisada como um manto de princeza, dormiu pelos terraços de Malta, onde pisava a cal, mui contente de a neve ser tão cálida; e além, aquela ao cantinho, empoleirada numa ânfora etrusca, vem dos miranetes do Cairo, que o *almohaden* atrôa. E as outras também, todas essas que, ao terminarem os dias lindos, Theophile Gautier viu bater as azas, e partirem para longe.

Oh! Gloire à toi, Père des choses!

Noites de lua! E a Rainha Primavera gôsa de estender á noite, em cima do manto rial, todo o tesouro das suas arcas. Enquanto contempla e mostra as multidões de estrelas, os seus *cullinans* fulgurantes, que circundam a pérola de luar, o homem adormece na contemplação.

Do *Palacio da Ilusão* sáe a luz das festas, inunda o espaço perfumado. A paz reina, serena e iluminada como a *Stabat Mater* de Boccherini.

«— Magestade, eu te saúdo. Sê bem vinda! E, dá-me aquelas manhãs de doçura infinda, que são de sol visto através um sonho de artista soberano. Dá-me as noites em que o ar é aromatizado pelas rosas dos teus jardins, e no Tejo se dissolve a tua pérola de luar.»

Que lindo o ceu! Que linda a terra!
Que linda a noite!

*Le monde s'endort
Dans une chaude lumière.*

BAUDELAIRE.

Vem, vem, meu Amor; põe entre os teu cabellos negros uma rosa branca, e vamos passear, pela noite. Ha sombras brancas, do luar!

Vem, vem!

LUIS CHAVES.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

IV

UMA ALMA DERROTADA

(Continuado do numero antecedente)

— O doutor disse-nos que eu devo passar o inverno no sul.

— Todo o inverno?

— Elle diz que necessito uma temperatura muito equal.

Fombreuse ficou aterrado perante estas palavras!

— Agora, que estou livre, é que parte! E' a minha sina.

— Mas se eu voltar melhor, curada para sempre?

— Estou de accordo, mas não deixo de dizer que fiquei triste com tal noticia. Vinha tão alegre!

— Serafina, não falles tanto, o sr. Fombreuse desculpa, sim?

O general entrou, vinha triste por causa do filho. Ao jantar, poucas palavras se trocaram. O general adivinhou a tristeza de Fombreuse.

— Não tenha receios, meu amigo, esta nossa viagem ao sul não é felizmente motivada por nenhuma doença de gravidade.

Depois de jantar, Fombreuse voltou aos aposentos de Serafina.

— Se o sr. tocasse um pouco... ha um piano na casa da costura de minha mãe.

— Não quero que converses, disse a sr.^a de Carbranches.

Fombreuse tocou no piano varias peças de Schumann, *Souvenirs* e *Reverie*.

Quando o compositor terminava de tocar, Serafina tinha adormecido. Fombreuse olhou para ella, e atravez de seu rosto adormecido via espelhar-se a sua bôa alma.

Quando Fombreuse sahiu, foi ter com Lescourias e Bunière. Eram dez horas quando chegou a casa de Lescourias. Como já fosse tarde, soube que tinha sahido com Bonière. Como soubesse o destino dos

seus amigos, foi ter ao *Chantdelié*, um café do *boulevard* dos Batignolles. No interior respirava-se uma atmospheria de fumo, verdadeiramente horrivel. Pelas mesas, gente de classe baixa; varios poetas e empregados de jornaes, enchiam os restantes lugares. Raparigas com cigarros no canto da bocca, espalhadas pelas mesas, riam e commentavam conversas, as mais livres!

— Vae cantar o nosso camarada Lauerencier, disse uma voz avinhada.

Um rapaz bem disposto, appareceu no estrado e disse o titulo de uma canção.

Um piano aguitarrado e desafinado deu os primeiros acordes. Uma canção indecente, foi cantada, acompanhada de gestos, que completavam toda aquella canção verdadeiramente porca e noventa. O publico ria, batia com os copos nas mesas e pedia loucamente *bis*!

Fombreuse parecia que estava no inferno! Seria possivel que Wolfram acompanhasse aquella musica?!

O compositor aproximou-se do piano e ponde ver que era o cego! Junto do piano estava um copo de absintho. Pobre artista!

Os risos continuavam, juntos com as palavras mais ordinarias.

Durante o intervallo das canções, Wolfram tocou os primeiros compassos d'um coral de Bach e depois um *adagio* cheio de lagrimas. Uma rapariga veio junto do piano e cantou uma canção de lupanar.

— Não toques d'essas musicas tão massadoras! Nós não estamos aqui para chorar, queremos musicas pandegas.

Wolfram tocou uma *Estudiantina*..

Já tarde bastante, Wolfram fechou o piano. Então uma rapariga veio ter com o cego.

— Vae já para casa? quer a minha companhia?

— Obrigado, não é preciso.

— Para poupar um cão, anda a bater com a bengala pelas paredes.

— Vou pedir ao creado a tua *sandwich*.

— Não quero, bebi muito.

— Peça da mesma forma para eu comer.

Estas palavras fizeram ver a Fombreuse um abysmo de miseria.

Sr. Wolfram... não é verdade?

— Sim, senhor...

O pobre cego pegou na mão de Fombreuse e com muito carinho:

— Parece-me que lhe conheço a voz; as nossas orelhas são os nossos olhos, não diga nada; o senhor não é um discipulo de Cesar Franck?!

— Sim, Mauricio Fombreuse.

— Ia dizer o seu nome.

— Já ha muito tempo que o encontrei pela primeira vez, estava ao orgão.

— No orgão?

A mulher olhava para Wolfram e para Fombreuse.

— Olhe sr. Wolf eu vou-me embora, mas quero comer a *sandwich*.

— Sr. Fombreuse, faz signal ao creado, sim?

— Mauricio! disse á mulher, é um bonito nome.

— Sr. Walter tome qualquer coisa.

— Um absintho.

— Um absintho, a esta hora?!

— Para fazer esquecer tempos passados.

— Uma bebida que o mata.

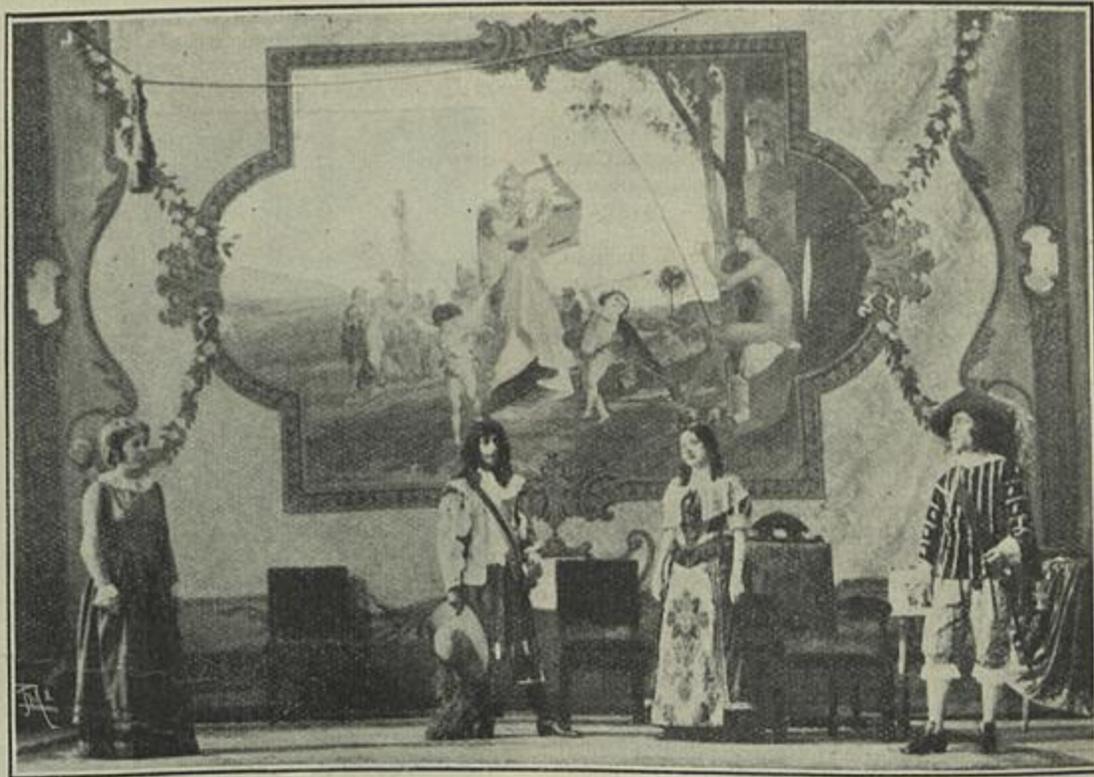
— Não faz mal.

— A respeito de musica?

— Abandonei-a. Tive fé n'essa *Amiga Suprema*, hoje a minha vida é escura como o veu de luto, fria como a eterna morte.

A sua physionomia ao dizer estas palavras, deixava ver os traços antigos da sua grande alma de pensador. D'ahi a uns curtos momentos, o cego pegou na mão de Fombreuse apertando-a muito.

(Continúa.)



NA ESCOLA DE ARTE DE REPRESENTAR — UMA DAS SCENAS DO «FIDALGO APRENDIZ»
PELOS ALUNOS D. ROSINA REGO, D. JUSTINA DE MAGALHÃES, ARTUR MATEUS E ARMANDO BAPTISTA

A Escola de Musica e a Escola da Arte de Representar efectuaram no salão nobre do Conservatorio a primeira demonstração de musica antiga, dramaturgia e dança historica. Para esse fim, o salão foi decorado com uma pintura de pannos de Arrás que é a reprodução de uma pintura célebre de Gerôme, representando «Anacreonte, Baccho e o Amor». O programma realisado era tentador. O publico dispensou aos collaboradores d'esta festa aplausos calurosos.

D. Catarina de Bragança

Trasladação dos seus restos mortaes para o Panteon de S. Vicente

Veiu D. Catarina de Bragança ao mundo num dos periodos mais calamitosos da historia portuguesa. Nascida no solar de Vila Viçosa, a 25 de novembro de 1638, filha do Duque de Bragança, depois rei D. João IV e de sua mulher D. Luisa de Gusmão, foi sua vida sacrificada aos interesses da patria, que se debatia entre os horrores das guerras da independencia e da successão e que precisava de uma aliança forte que a ajudasse a defender da poderosa Castela e Austria.

Os tratados realizados em 1641 com a França, Suecia, Dinamarca, Holanda e Inglaterra, só nos garantiam a neutralidade destas nações, o que não bastava, no meio da guerra que esgotava Portugal sustentando campanhas durante vinte anos só com as suas tropas, embora as vitórias se succedessem até á decisiva de Montes Claros, em que já tomou parte então Schomberg, como general mestre de campo e o Marquês de Marialva, comandante do exercito e dirigindo a batalha.

Naqueles tempos as alianças mais fortes eram as que se estabeleciam entre as casas reinantes por meio de matrimonio, e assim D. João IV tentou casar o principe herdeiro D. Teodosio com a duquesa de Montpeniser, sobrinha de Luis XIII de França. Esta tentativa gorou, como goraram as que, no mesmo sentido se fizeram para casar aquele principe com a filha mais velha do Duque de Orleans, com a princesa D. Maria Tereza de Austria e, por fim com M.^{lle} de Longueville, filha do Duque de Longueville.

Seria longo referir os episodios diplomaticos que ocorreram nas negociações para este casamento, principalmente com relação ás ultimas com a França, o que não é para os limites de uma simples noticia.

A morte do principe Teodosio, tendo apenas 18 anos, veiu pôr ponto nas tentativas de casamento em que tanto se empenhavam o Marquês de Niza, os padres Antonio Vieira e Pedro Vieira da Silva, ao tempo secretario de estado e depois bispo de Leiria.

Viraram-se então as esperanças para a Infanta D. Catarina, irmã de D. Teodosio, começando as diligencias para a casarem.

A nada menos de quatro principes estrangeiros foi proposto o casamento da Infanta, com valioso dote: primeiro a D. João de Austria, filho natural de Filipe IV de Espanha; segundo ao Duque de Beaufort, neto do mesmo monarcha; terceiro a Luiz XIV, de França; quarto a Carlos II, rei de Inglaterra, que foi quem aceitou a desditosa Infanta, que assim andou pregoada como que em hasta publica.

Ao tempo já havia falecido, em 1656, D. João IV, de modo que o casamento da Infanta D. Catarina foi tratado durante a regencia de D. Luiza de Gusmão, sua mãe.

O contrato nupcial foi assinado em Londres, no ano de 1661, sendo seu portador para Lisboa o Conde da Ponte. O dote de D. Catarina de Bragança constava de dois milhões de cruzados (800 contos) sendo metade em dinheiro, para o que a Regente vendeu suas joias e pediu emprestado algumas pratas de conventos (isto para não distrair os fundos destinados a despesas da guerra) e a outra metade em pedras preciosas, assucar e outras mercadorias. Pelo mesmo contrato entregou Portugal a Inglaterra, Tanager e Ceilão e a ilha de Bombaim.

Por sua parte Carlos II estabeleceu a D. Catarina de Bragança a renda de trinta mil libras anuaes enquanto esta vivesse e um palacio mobilado se enviuvasse.

A partida de Lisboa de D. Catarina de Bragança revestiu toda a solenidade da cõrte, para o que veiu ao Tejo uma esquadra inglesa que devia conduzir a nova rainha de Inglaterra, assim como sua comitiva e mercadorias que a noiva levava em dote.

Houve grandes festas na cidade: iluminações, mascaradas, toiradas, o que tudo durou muitos dias, e por fim procissão e *Te-Deum* na Sé a que assistiu a cõrte e a rainha, antes do seu embarque na nau capitanea *Grão-Carlos*, o que se realisou a 23 de abril de 1662.



D. CATARINA DE BRAGANÇA

Copia de uma gravura publicada nas «Memorias do Conde Grommond» reprodução do quadro existente na Galeria Carlos II, em Londres.

A esquadra, composta de 14 naus, e 5 sumacas com 1:000 caixas de assucar, só sahiu a barra no dia 25, por causa do mau tempo, que tornou a viagem tormentosa até Portsmouth, gastando vinte e quatro dias!

A's festas da partida de Lisboa correspondem bem os festejos da chegada a Portsmouth, onde a nova Rainha de Inglaterra foi recebida pelo duque de York, irmão de Carlos II e com todo o ceremonial da cõrte inglesa.

Só a 29 de maio é que Carlos II foi buscar sua noiva, encontrando-a ainda bastante incomodada da viagem e com febre. No dia seguinte, porém, encontrando se melhor poudese celebrar a cerimonia nupcial mesmo em Portsmouth, assistindo a cõrte e o bispo de Londres, que notificou estarem casados o Rei e a Rainha, o que

se verificava pelos autos que acabavam de ser lidos, etc.

Vê-se que este casamento, tanto em Portugal como em Inglaterra, foi auspiciosamente recebido e entusiasticamente festejado; varias causas, porém, concorreram para que a breve trecho entrasse a discordia entre os conjuges.

Carlos II estava longe de ser um esposo mais ou menos fiel, dedicado a sua mulher. O casamento não o fez abandonar as leviandades da mocidade que deram brado em Londres como em Paris, onde estivera emigrado durante tempo. Tinha vivido publicamente com uma jovem, *Miss Palmer*, que depois fez duquesa de Cleveland e da qual houvera um filho que reconheceu.

D. Catarina, educada na cõrte portuguesa, mais dominada pelo espirito religioso do que pela illustração, não estava preparada para entrar na cõrte inglesa mas illustrada e onde a religião protestante estava em opposição com os seus principios catholicos.

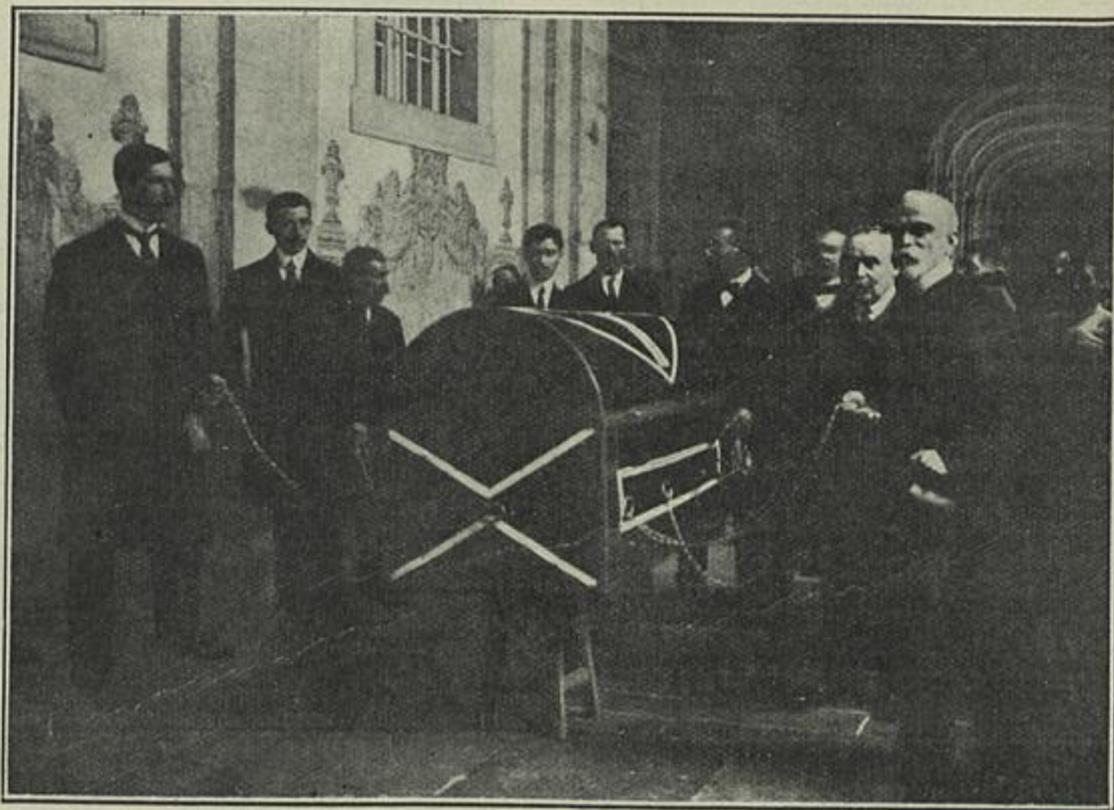
Falando só portuguez, apenas permitia que lhe falassem em castelhano, concessão que fazia com sacrificio. Deste modo não podia entrar nas peças que se representavam nos saraus da cõrte em que seu marido era muito influido, representando com os fidalgos e com as damas nobres. Em compensação, D. Catarina dançava com extrema elegancia, assim como lhe assentavam belamente as modas inglesas que nela realçavam a par de sua natural formosura, como consta da relação das festas, escrita em espanhol e anonima, mas que é de D. Antonio de Sousa de Macedo.

Aconteceu também que o governo de Portugal não poudo entregar prontamente a parte do dote em dinheiro, porque a guerra com Castela levava tudo, devendo, por isso, o milhão de cruzados ser liquidado por um Diogo da Silva, judeu, que fõra na esquadra e que tinha grandes creditos em Amsterdam.

O resultado dos inconvenientes que ficam apontados, não se fez esperar muito.

Embora os encantos naturaes de D. Catarina e finura de seu espirito cativassem por algum tempo a Carlos II, é certo que este não se deixou dominar e muito menos quando sua mulher tentou corrigir os costumes licenciosos da cõrte tão em desacordo com seu espirito catolico.

Daqui se originaram as intrigas dos cortezões contra a rainha, chegando, entre muitas outras, a levantarem-lhe o testemunho de esta entrar em uma conspiração contra a vida do rei, chamada a *conspiração dos papistas*, que tinha por fim passar a corõa ao duque de York que abjurava o protestantismo e se fazia catolico.



NO PANTEON DE S. VICENTE

SRS. PRESIDENTE DO GOVERNO, MINISTRO DE INGLATERRA, SECRETARIO DA LEGAÇÃO INGLESA E FUNCIONARIOS DA REPARTIÇÃO DO TURISMO TOMAM AS BÓRLAS DO CAIXÃO

Como esposa, D. Catarina foi fundamente ferida, no seu amor e brios de mulher, desde que seu marido lhe impoz para camareira mor a amante, duquesa de Cleveland.

Todos os historiadores ingleses são concordes na severa critica á vida de Carlos II, avançando Burnet, que frequentava a cõrte deste rei, que a indole e vicios de Carlos II tinham pontos de contacto com os de Tiberio!

Crivada de desgostos, D. Catarina esteve por mais de uma vez para se retirar para Portugal, o que não chegava a realisar por não convir á politica e situação difficil em que a sua patria se encontrava.

Atravessando 23 anos de martirios, quantos foi casada, terminaram estes com a morte de Carlos II, em 1685.

Depois de viuva, residiu ainda sete anos em Inglaterra, auxiliando seu cunhado, Jacob II, no restabelecimento da religião catolica, até que expulso este, ella regressou a Portugal, em 1693, onde foi recebida com grande regosigo do povo.

Para sua habitação fez construir o palacio da Bemposta, onde faleceu a 31 de dezembro de 1805.

Por duas vezes exerceu a regencia do reino: em 1704, quando seu irmão, D. Pedro II, se foi pôr á testa do exercito contra Filipe V de Castela; e em 1705, durante uma doença daquele monarca.

Em suas disposições testamentarias deixou expresso que queria ser sepultada na igreja dos Jeronimos junto da sepultura de seu irmão o principe D. Teodosio.

Eis, em breve noticia, o que foi D. Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra, cuja infelicidade do seu casamento correu a par do de seu irmão D. Afonso VI com D. Maria Francisca de Saboya.

Notavel coincidência!

Devido á iniciativa da Repartição do Turismo, realisou-se, no dia 25 do mez findo, a trasladação dos restos mortaes de D. Catarina de Bragança, da princêsa sua irmã D. Jonna e de seu irmão o principe D. Teodosio, de uma das capelas da igreja dos Jeronimos, onde estavam meio abandonados, em caixões de que só existia a madeira carunchosa, para o Panteon de S. Vicente.

Substituidos os caixões por outros novos devidamente forrados de veludo e agaloados, nestes foram encerrados aqueles restos mortaes, conduzidos decentemente em tres carros funebres. A este acto assistiram, além do director e secretario da Repartição de Turismo, e o secretario da legação inglesa que, em automoveis, acompanharam o modesto prestito, ao qual se juntaram depois os srs. presidente do governo, dr. Bernardino Machado, e ministro de Inglaterra.

Ao chegar a S. Vicente, formou-se um turno para pegar as borlas, composto dos srs. presidente do governo, ministro inglês, secretario da Legação, os referidos funcionarios da Repartição de Turismo, e Antonio Baptista Ribeiro e Maximiano Augusto Pimentel, por parte da Comissão Administrativa dos Bens Ecclesiasticos.

Os caixões contendo os restos da princêsa e do principe ficaram aos lados do jazigo real e o de D. Catarina de Bragança, junto do sarcophago de sua mãe, D. Luisa de Gusmão.

C. A.



Buddha e Christo

I

A sua vida

Em outro lugar publicámos, por ocasião do Natal, um artigo fazendo notar a analogia que se observa nas lendas que dizem respeito ao nascimento e vida de Christo e de Krixna, ambos libertadores da humanidade. (1) Como nesta semana a Igreja celebra o grande mysterio da comove-dora paixão e morte do seu divino fundador, vado lembrar algumas passagens da vida e doutrina de Buddha, que offerecem analogia com a vida e a doutrina de Christo; convindo porém observar, desde já, que os livros que descrevem a

vida de Buddha fõram escritos muitos anos depois da morte do Reformador, devendo portanto essas lendas ressentir-se da imaginação popular, que, com o andar dos tempos, costuma aureolar de fantasias sobrenaturais a memória dos seus herois.

Havia longo tempo que o velho brahmanismo, tolhendo a liberdade dos seus sectários na intrincada rede da sua minuciosa legislação, sufocava a vida religioso-social dos hindus, para quem o menor acto de vida, o mais insignificante desvio da linha traçada pelo severo legislador Manu, devia fatalmente reflectir-se com horribes consequências nesta vida e na futura, ainda através das transmigrações. Os sacrificios, as complicadas ceremonias religiosas não satisfiziam a alma do povo, que não as comprehendia nem podia nelas tomar parte. As classes sociais, separadas pelas invenciveis barreiras das castas, nem podiam supportar em comum as suas misérias. As classes baixas, os párias, contra quem pesava mais rigoroso o jugo das castas, cujo só contato e até a sombra eram bastantes para contaminar um bráhmãne, lançavam do fundo da sua opressão um olhar ansioso pelo horizonte em busca d'algum astro benigno que lhes illuminasse o caminho da vida.

Tal era a sociedade brahmânica antiga, e tal foi mais tarde o estado do mundo romano, originado por causas diferentes, quando appareceu o Christo.

Tambem na India surgiu um libertador, cuja palavra, doce e cheia de caridade, foi como um sópro de esperanca e piedade para os milhões d'almas sedentas e, ultrapassando as fronteiras indianas, foi regenerar os incultos tártaros e mongoes, os singalezes e malaioes. Este libertador foi o immortal Gautama o Buddha, e a boa nova que trouxe ao mundo foi a religião buddhica, hoje abraçada por 500 milhões de homens, isto é, por um terço da humanidade, e portanto contando mais adeptos do que qualquer outra religião incluindo o christianismo.

Na cidade de Kapilavastu, nas fronteiras de Nepal, vivia circa 567 antes de Christo um rei por nome Suddhódana, da tribu dos Sakyas, cuja esposa virgem, a virtuosa e pura Máya, viu uma noute em sonho um joven elefante branco, e um venerando sacerdote, explicando-lhe este sonho, disse: «Nacerá do teu ventre um filho, o qual, se permanecer no mundo, será um magnânimo rei dos reis; mas se o renunciar virá a ser um Buddha supremo.» (2)

Naceu com efeito o anunciado menino e este acontecimento foi assinalado pela conjunção da lua com a estrela Puxya. Reis e sacerdotes vieram com donativos visitar o infante e nos céus os anjos cantavam em côro: «Fugiu o mal, reina a paz na terra, a felicidade é bem comum, nasceu o libertador dos homens.» (3) E do Himálaya, ouvindo estes cánticos, deceu o velho eremita Kaladevala e arrastando-se até o recém-nacido, exclamou: «Na verdade este menino será um Buddha supremo, que hade mostrar aos homens o caminho da perfeição e da salvação.» E chorou ao pensar que não chegaria a ver esse dia. (4)

O rei de Magadha envia sua gente á cõrte de Suddhodana para se informar do nascimento do prodigioso menino, e os enviados, lendo no horóscopo dos bráhmãnes o alto destino que lhe está reservado, aconselham o monarca para se livrar d'ele; mas o rei Bimbisara, mais generoso que Herodes, recusa-o, declarando-se disposto a ser seu súbdito e gosar da annunciada paz de baixo do seu reinado, ou fazer-se seu discipulo no caso de ele ser Buddha.

(2)... foi enviado por Deus o anjo Gabriel... a uma virgem desposada com um varão que se chamava José... e o nome da virgem era Maria... Então o anjo lhe disse... «Eis conceberás no teu ventre, e parirás um filho, e pôr-lhe-has o nome de Jesus: Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David, e reinará eternamente na casa de Jacob.» S. Lucas (1.)

(3) Quando nasceu Jesus appareceu uma estrela no oriente e vieram uns magos adorar o menino, «e abrindo os seus cofres, lhe fizeram suas ofertas de ouro, incenso e mirra» (S. Mateus 2); e uma multidão numerosa da milicia celestial dizia: «Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens a quem lle quer bem.» (S. Lucas 11.)

(4) E havia então em Jerusalem um homem, velho e justo, chamado Simeão, que veio por Espirito ao templo e tomando o menino nos braços disse para Maria: «Eis aqui está posto este menino para ruina e para salvação de muitos em Israel...» «Já os meus olhos viram o Salvador que tu nos deste... como lume para ser revelado aos gentios e para glória do teu povo de Israel.» (Lc.)

Entretanto vai crescendo o menino no meio do fausto duma cõrte oriental e recebendo a educação condigna dum principe herdeiro; mas um dia perde-se n'uma floresta onde passeiava com seusaios, e o pai corre afflicto a buscal-o e o encontra sentado á sombra de uma árvore, rodeado de santos profetas, abstraído em profunda contemplação e com o espirito ausente em celestias regiões. (5)

Aos 18 anos Gautama casa com a formosa princeza Yasodhara, de quem, 10 anos mais tarde, tem um filho que foi chamado Rahula. Mas nem a dedicação da esposa, nem os carinhos do filho, nem a expectativa do trono seduzem o principe, cujo espirito paira sobre o alto problema da origem dos males que vê na humanidade; e uma noute deixa em segredo o filho, a esposa, o velho pai, a herança, os prazeres e gozos que deviam facinar um joven de 28 anos, e vai pelo mundo fóra, em busca da Verdade para a salvação dos homens.

Vai primeiro a Rajagriha, capital de Magadha, tomar lições com os filósofos hindus, cuja immensa sciencia é impotente para esclarecer o seu espirito. Faz-se anacoreta, e durante seis anos pratica os mais rigorosos jejuns e penitências, e reconhece que nem os jejuns e penitências são o verdadeiro caminho da salvação; e os seus cinco primeiros dicipulos vendo-o agora comer e beber como qualquer mortal e negar o valor ás penitências, abandonam-no escandalizados.

Só, e sem amigos no mundo, Gautama resolve entregar-se outra vez ás suas meditações, tomando primeiramente um banho de purificação nas aguas do rio Nairanjan, e imediatamente abre-se o ceu e os seres celestias esparzem sobre ele flôres e pós de áloes e de sândalo. (6)

Durante 49 dias completamente alheiado do mundo e sentado á sombra d'uma figueira indiana (7) (*Ficus religiosa* — o *pimpal*, ao depois chamado pelos buddhistas *Bodhi* — arvore da sciencia) procura na mais profunda concentração do espirito a solução do seu problema, recebendo unicamente o alimento das mãos d'uma camponeza.

E' nesta ocasião que o vem tentar o principe dos demónios Mará com estranhas visões e falazes promessas; desde a legião de génios maléficose que lhe murmuram ao ouvido as eternas palavras de dúvida «De que serve», que precipitam na indiferença os espiritos mais intrépidos, até as voluptuosas Apsarás, filhas de génios, que o procuram seduzir com a sua espléndida nudez, as atitudes lascivas e olhares que dardejам fogos de luxúria. Mas Gautama «não olhava para estas criaturas nem com amor nem com a sobrançelha carregada. Podiam abalar-se as montanhas, secar-se o mar e cair o sol e a lua, mas não cairia em poder das mulheres aquele que vê os pecados dos tres mundos.» (*Lalita Vistara*). Vem então o espirito do mal em pessoa e procura vencer-o com sedutoras promessas.

«Eu sou o senhor do desejo no mundo: os deuses, os homens e os animais, subjugados por mim, andam todos segundo a minha vontade. Levanta-te pois e renuncia á tua missão, e eu te darei todos os reinos, todas as glórias e todos os triunfos do mundo.»

«Bem sei eu, responde Gautama, que me espera um reino que não é deste mundo. Se tu és o senhor do desejo, eu sou o senhor da lei e hei-de alcançar a Verdade mesmo contra a tua vontade.»

E o demonio confessa-se vencido e desaparece nas sombras, exclamando com fúria: «Acabou-se o meu reinado; e nova chuva de flores vem refrescar a fronte do sábio (8).

(Continúa.)

MARIANO SALDANHA.

(5) Entretanto o menino cresce e se fortificava... e quando teve doze anos, tendo ido com os pais a Jerusalem para a pascoa, quando voltaram, ficou o menino naquela cidade, e como o não achassem, voltaram a Jerusalem em busca dele e aconteceu que tres dias depois o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas.» (Lc.)

(6) Naqueles dias veio Jesus e foi baptisado por João no rio Jordão; e logo que saiu da agua viu os ceus abertos e viu que o Espirito Santo descia sobre elle em figura de pomba. (S. Mateus 3.)

(7) A figueira também é mencionada muitas vezes no Evangelho.

(8) Então foi levado Jesus pelo Espirito ao deserto para ser tentado pelo diabo. E tendo jejuado 40 dias e 40 noites... chegou-se-lhe o diabo... e levando-o a um monte lhe mostrou todos os reinos do mundo e a glória d'elles, e lhe disse: «Tudo isto te darei se prostrado me adorares.» Então lhe disse Jesus: «Vai-te, Satanaz; porque escrito está: «Ao Senhor teu Deus adorarás e a elle só servirás.» Então o deixou o diabo, e eis que chegaram os anjos e o serviam. (S. Mateus 4.)

